

## **Indígenas: viagens ao noroeste do Brasil (1903–1905). Manaus: EDUA e FSDB, 2005. 627p.**

DEISE LUCY OLIVEIRA MONTARDO

Realizada pelo padre Casimiro Beksta, a recente tradução para o português de parte da obra de Theodor Koch-Grünberg, pesquisador alemão que empreendeu várias expedições entre grupos indígenas no início do século XX, aumenta o alcance da grande contribuição de sua obra para o conhecimento da região amazônica e seus povos.

Nascido em 1872 e formado em filologia, Koch-Grünberg juntou-se às expedições organizadas para o Brasil. Em 1899, aos 27 anos, acompanhou a segunda viagem de Hermann Meyer ao Brasil central, destinada à exploração de um tributário do rio Xingu, e, entre 1903 e 1913, realizou duas viagens de exploração ao norte da Amazônia. A primeira é objeto deste livro e a segunda foi publicada parcialmente pela Unesp em 2006. Em 1923, o explorador norte-americano Hamilton Rice convidou Koch-Grünberg para participar de uma expedição às fontes do Orinoco, durante a qual o pesquisador faleceria em decorrência de uma febre viral (Frank, 2006, p. 25-27).

Na introdução à tradução para o português do primeiro volume da viagem feita por Koch-Grünberg, *Do Roraima ao Orinoco*, Farage e Santilli apontam a escolha da região como indicativo de seu interesse no mapeamento das famílias lingüísticas Arawak e Karib (2006, p.12). Também nesta primeira expedição, o pesquisador manifestou um grande interesse pela música e instrumentos musicais indígenas, incrementado em sua viagem seguinte, entre 1911 e 1913, com gravações em cilindros.

Estas gravações são os primeiros documentos sonoros produzidos entre os grupos indígenas do Norte do Brasil. Depositadas no Arquivo de Berlim, foram utilizadas na época para estudos de musicologia comparada, a futura etnomusicologia. Dois dos trabalhos de Hornbostel (1967 [1909]) e (1982), realizados a partir dos dados recolhidos por Koch-Grünberg, foram publicados junto aos relatos das viagens deste. Fragmentos destas gravações, agora digitalizadas, foram publicados pelo Arquivo Fonográfico de Berlim em 2006, em edição bilíngüe (alemão e português), acompanhados de fotos, transcrições musicais e comentários extensos de Michael Kraus (2006) e Julio Mendivil (2006). Outra contribuição inestimável do trabalho de Koch-Grünberg são os registros iconográficos compostos por desenhos e fotos, que mostram seqüências inteiras da fabricação de artefatos.

Koch-Grünberg, assim como Nimuendaju, seu contemporâneo e conterrâneo, foram personagens que marcaram a etnologia brasileira com seus trabalhos de campo. Sem formação acadêmica, Nimuendaju foi um autodidata e tornou-se etnógrafo e indigenista, cuja profícua produção até hoje rende frutos. Koch-Grünberg, por sua vez, foi influenciado pelo evolucionismo, teoria em voga na tradição alemã dos viajantes naturalistas interessados na América do Sul – seu trabalho nos museus etnográficos evidenciou seu esforço colecionista e classificatório, característico do evolucionismo.

Os museus financiavam expedições e promoviam debates teóricos, atividades que

permitiram que Franz Boas, também alemão, desenvolvesse sua crítica ao evolucionismo nos primeiros anos em que morou na América, debatendo justamente com o curador de etnologia do Museu Nacional dos Estados Unidos, Otis Mason. O principal alvo de sua crítica foi a organização das coleções de acordo com o tipo de objetos, que eram classificados em escalas evolutivas e, portanto, descontextualizados em relação às tribos a que pertenciam (Boas, 2004 [1887]).

Em alguns trechos do livro, como onde Koch-Grünberg descreve um ritual de sepultamento e diz que viu ali um sofrimento vazio, no choro da morte, chorado em momentos demarcados, tentemos a pensar: “Nossa, que etnocêntrico!”. Porém, mais interessante é fazer o exercício de ler o autor tentando contextualizar suas observações sobre os povos indígenas conforme o pensamento sociológico e o antropológico da época. Nos anos em que Koch-Grünberg empreendia suas viagens, o grupo da *L'Année Sociologique*, Émile Durkheim e seus colegas, publicava suas primeiras elaborações que levariam ao surgimento das disciplinas referidas. Koch-Grünberg acreditava no espontâneo, verdadeiro, individual, ou seja, não percebia as ações dos indivíduos, principalmente nos momentos caracterizados por Arnold van Gennep como ritos de passagem, como fortemente regradas pela cultura. Durkheim (1996 [1912]) foi o primeiro a elaborar idéias sobre a proeminência da sociedade ou das representações sociais sobre os indivíduos, e dizer que justamente os rituais são o momento e o lugar em que este poder se cristaliza.

Leitura como estas chocam, mas dão a dimensão da contribuição da antropologia no modo de ver o outro. Koch-Grünberg achava que a maneira de sofrer da sua cultura era a mais legítima, pois não dispunha de ferramentas teóricas para perceber que os rituais funerários ocidentais também seguiam padrões. Além disso, ao dialogar com a teoria evolucionista, como

européu, estava no topo da escala. Percebemos, no entanto, em várias passagens do texto, que havia um esforço compreensivo em suas interpretações, devido talvez às preocupações ligadas às ciências do espírito, também tradicionais no pensamento alemão<sup>1</sup>. Quando tratava de uma despedida entre irmãos, descreve que

[...] acocoraram-se ambos lado a lado, no porto, pondo reciprocamente um braço sobre o pescoço de outro, e entoaram uma cantiga lastimosa de lamentação.

Apesar de considerá-la uma cerimônia ridícula, comenta que lembra a ele

[...] vivamente a tantas despedidas cheias de lágrimas, nas nossas estações de estradas de ferro, e lá tratava-se freqüentemente de uma distância de poucas horas apenas! (2005, p. 217).

Apesar de estar imerso no evolucionismo, em outros aspectos da vida, como o da cultura material, Koch-Grünberg comparava simetricamente os objetos que conhecia no decorrer da viagem com os de seus conterrâneos, deslumbrando-se a todo momento com a qualidade do que via. Ele não dispunha da formulação teórica para relativizar, rara na época, mas, de certa forma, já o fazia nas suas analogias.

Koch-Grünberg trata com pouco exotismo as beberagens que acompanhou entre alguns dos grupos com os quais conviveu. Em várias passagens do livro, ele facilmente as compara às de seus conterrâneos, como quando narra uma festa, inserida num ritual fúnebre, no rio Aiarý, com convidados de várias outras aldeias e muito *caxiri*:

1. Tal tensão no texto de Koch-Grünberg foi percebida também por Farage e Santilli na leitura da sua segunda expedição ao norte do Brasil, quando notam que “um humanismo rebelde insiste em transbordar – e, por que não trair – seus limites teóricos” (2006, p 16).

Um ou dois litros da beberagem grossa, eles os engoliam com fortes tragos, sem respirar. Qualquer calouro valente das universidades alemãs teria apreciado esta bebedeira (2005, p. 198).

Ao lado da admiração, manifesta também seus desabaços, quando ficava importunado com seus anfitriões bêbados.

As pessoas, que tinham sido tão modestas e amáveis, estavam irreconhecíveis. Impertinentes, como ciganos, esmolavam pechinchando-me isto e aquilo, e especialmente o tabaco (2005, p. 199).

Assim como ocorreu com a beberagem, não estranhou as brigas dela decorrentes:

Durante este espetáculo conjugal, o chefe tinha se retirado prudentemente para a esquina mais distante. Embora eu, como alemão do sul, já estivesse acostumado a brigas nas “romarias” e não via nisso nada de extraordinário, apesar disso eu achei que eu devia solicitar que Mandu intervisse. Mas ele disse “Que tenho eu que ver com isso? No mundo inteiro é assim, quando a gente se embriaga [...]” E ele tinha razão!! (*Idem*)

Quero chamar a atenção, nesta resenha, para o destaque que Koch-Grünberg dá aos aspectos rituais dos povos que visita. Hoje, a participação nos rituais é comumente narrada e utilizada metodologicamente como forma de ter acesso aos conhecimentos acerca destes. Koch-Grünberg antecipa essa prática ao publicar em várias passagens sua participação, como no trecho em que conta: “[...] dancei com a gente de Cururu-cuara uma dança muito longa de uanéui e cantei como melhor podia” (2005, p. 198). Ou, então, quando narra as sensações que teve ao presenciar as danças tuyuca:

O chão estrondeava debaixo das pisadas fortes. Era uma satisfação ver estas figuras elásticas e

cheias de força, no seu ornato rico de colorido, que se completava harmoniosamente com a cor suavemente morena da pele, realçado pelas chamas dos fachos que de vez em quando aumentavam... A gente sentiu-se como se fosse transportado séculos para trás, num tempo quando os homens brancos ainda não tinham pisado o chão da pátria dos indígenas (2005, p. 302).

Primorosas são suas descrições das danças, cantos e instrumentos musicais. Ao descrever detalhadamente a postura corporal dos dançarinos em uma festa entre os Tuyuka e os Tukano, chamando a atenção para os joelhos dobrados e para uma postura de luta (2005, p. 307), Koch-Grünberg nos fornece dados para refletir sobre a grande recorrência desta postura nas danças de vários grupos indígenas, como os Guarani (Montardo, 2002). Outro detalhe que chama a atenção do pesquisador são as exclamações à meia voz, num prolongado “hó--!” em tom descendente, feitas pelos espectadores durante as danças (2005, p. 325) e que, pela descrição, lembram as vinhetas de finalização observadas em vários grupos, como os Kamayurá (Bastos, 1990).

As ações que o autor observou estão relacionadas ao cotidiano, o que torna seu texto rico em dados úteis para leitores vários, como arqueólogos, quando narra, por exemplo, a maneira como se varria a casa e se descartava o lixo, “[...] despejado no cerrado na beira da praça da aldeia” (2005, p. 216). A observação sobre os petróglifos ao longo das cachoeiras também é uma grande contribuição para a arqueologia. O autor destaca ainda confecção dos cilindros de quartzo entre os Tuyuca do rio Tiquié, que dependia meses de trabalho. Depois de lascado, o quartzo era polido sobre uma pedra de arenito com areia fina ou pedras-pomes, material trazido de longe para este fim. Demorado e delicado era o processo de perfuração do

quartzo, feita com uma varinha pontiaguda de madeira de paxiúba, girando-a sobre a pedra dura, com areia fina (*Idem*, p. 333).

Parece que tudo o que se referia à cultura material não escapava à atenção do cientista, como é o caso das armadilhas, minuciosamente descritas e desenhadas (2005, p. 247-48). O material fotográfico também é impressionante, apesar do estranhamento que nos causam hoje as fotos dos índios tiradas de frente e de perfil, como se eles mesmos fossem objetos da cultura material que, na impossibilidade de levar para a coleção etnográfica, ficavam assim registrados.

Às aulas de astronomia que tomava com seus anfitriões, o autor chamava de estudos científicos e, ao contar como se davam as explicações das constelações onde apareciam seres dos mitos e objetos de uso cotidiano, Koch-Grünberg nos deixa curiosos por maiores detalhes.

Encontramos em várias passagens do autor o deslumbramento com a beleza dos índios, como quando elogia o mais querido entre os companheiros, o pequeno Taru, “[...] esculturalmente belo” (2005, p. 219). Ou quando comenta a vaidade dos homens novos, que mudavam várias vezes por dia a sua pintura facial, inventando sempre novos padrões, alguns dos quais Koch-Grünberg desenhou e nos apresenta no livro (2005, p. 267-68).

Em outros momentos, no entanto, redige pesadas linhas, nas quais diz que os Kalapolítani, outro grupo que conheceu na viagem, estavam “[...] num degrau muito baixo da cultura, e que suas almas não pertenciam ao céu particular dos aristocráticos Aruak” (2005, p. 220). Neste trecho, nota-se que o autor via uma hierarquia entre culturas, umas mais abaixo do que outras, deixando evidente a idéia de evolução linear e gradativa, com a imagem da escada onde alguns degraus estão acima dos outros. Neste caso, ele identificava os Aruak como aristocráticos e mais evoluídos.

A leitura torna-se muito agradável, entre outros motivos, pela capacidade deste homem rir de si mesmo em várias passagens e da sua consciência da ambigüidade da situação, do ponto de vista dos índios, como no trecho seguinte:

A notícia sobre um ‘Kariúa’ louco, que nem era seringueiro, nem negociante, mas viajava para se divertir e comprava toda a espécie de cacarecos inúteis, tinha se espalhado por toda a imensa região, como o fogo no rastilho da pólvora. (2005, p. 250)

Chamo a atenção para este dado que informa sobre a grande e rápida circulação das informações entre os grupos indígenas nesta região, o que vai de encontro à idéia de isolamento que ainda hoje perdura no imaginário do senso comum sobre estes povos.

## Referências bibliográficas

- BASTOS, Rafael José M. *A festa da jaguatirica: uma partitura crítico-interpretativa*. São Paulo, 1990. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 607p.
- BOAS, Franz. Os princípios da classificação etnológica. In: STOCKING JUNIOR, George W. (Org.). *A formação da antropologia americana, 1883-1911: antropologia*. Trad. Rosaura Maria Eichenberg. Rio de Janeiro: Contraponto/Editora da UFRJ, 2004 [1887]. p. 85-92.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1912]. 609p.
- FARAGE, Nádia; SANTILLI, Paulo. Introdução. In: KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Do Roraima ao Orinoco*. Trad. Cristina Alberts-Franco. São Paulo: Editora UNESP, 2006 [1917]. 1 v. p. 11-20.
- FRANK, Erwin. A vida de Theodor Koch-Grünberg (1872 a 1924). In: KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *A distribuição dos povos entre Rio Branco, Orinoco, Rio Negro e Yapurá*. Trad. Erwin Frank. Manaus: Editora INPA/EDUA, 2006. p. 19-27.

- HORNBOSTEL, Erich M. Von. Über einige Panpfeifen aus Nordwestbrasilien. In: KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Zwei Jahre unter die Indianern: Reisen in Nordwest Brasiliens 1903-1905*. Berlin: Wasmuth Verlag, 1967 [1909]. p. 378-391.
- \_\_\_\_\_. La música de los Makuschi, Taulipang y Yekuana. In: KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Del Roraima al Orinoco*. Caracas: Ediciones del Banco Central de Venezuela 1982. p. 331-366.
- PIEDADE, Acácio. *Música ye'pa-masá: por uma antropologia da música no Alto Rio Negro*. Florianópolis, 1997. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Santa Catarina. 217p.
- KRAUS, Michael. Theodor Koch-Grünberg: gravações fonográficas no norte da Amazônia. In: KOCH; ZIEGLER. *Theodor Koch-Grünberg: gravações em cilindros do Brasil*. Berlin: Staatliche Museen zu Berlin – Preussischer Kulturbesitz, 2006. (Berliner Phonogram-Archiv, Documentos sonoros históricos 3). p. 67-80..
- MENDÍVIL, Julio. Os registros sonoros de Theodor Koch-Grünberg e seus significados para a musicologia comparativa. In: KOCH; ZIEGLER. *Theodor Koch-Grünberg: gravações em cilindros do Brasil*. Berlin: Staatliche Museen zu Berlin – Preussischer Kulturbesitz. 2006. (Berliner Phonogram-Archiv, Documentos sonoros históricos 3) p. 81-99.
- MONTARDO, Deise Lucy O. *Através do Mbaraká: música e xamanismo guarani*. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 276 p.

**autor Deise Lucy Oliveira Montardo**

Professora do Departamento de Antropologia/UFAM  
Doutora em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

*Recebido em 26/03/2007*

*Aceito para publicação em 10/09/2007*